

CORAÇÕES OCUPADOS

Livro 87

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



QUERIA VOAR

Queria voar, chegar ao limite para tocar o arco-íris, a nuvem, trazer uma história prometida, servir a fome das crianças com fantásticas transformações no espaço e no tempo. Foi homem, voltou pássaro, aproveitando as vantagens de mudar sua natureza, ainda que por breve tempo. Ainda que ficasse sem pernas, ganhou asas, liberado das exigências mundanas, se fantasiou de anjo, não precisou sacrificar-se, aprendeu que as ilusões não alimentam, adiam. Com sorte, voltou sem haver caído, não suportou o próprio voo.



O DESAMPARO

O desamparo das vítimas sociais não tem interlocução, poucos ouvidos atentos, tantas diferenças, poucas as disponibilidades para um diálogo. Entre letrados e iletrados, tantos os abismos separando realidades, ideais, ambições, valores, urgências, estas principalmente,

pois o futuro do desvalido é sua próxima comida, sua próxima dormida, seu futuro não tem o benefício do “colchão” que amortece as diferenças entre o real e o possível.



CLEMÊNCIA

Um pedido de clemência se difunde na pandemia da migração forçada, uma desordem que não pede licença invade a privacidade remetendo ao voo dentro de um furacão social devastador, desumano, duradouro. A busca do refúgio remete à distância incalculável, tudo fora dos cálculos, a dor difusa invadindo impune o corpo inocente posto à prova. Enlouquecidos, intoxicados pela razão que aniquila evocando um pedido de ajuda que termina em desamparo. O vandalismo irresponsável assalta gente comum, o terrorismo do Estado pode tudo, transformado em porta-vozes de deus, matam em nome do espetáculo, do preço, da apropriação territorial adornadas por uma publicidade mentirosa que transforma cidadãos comuns em terroristas

em potencial. O potencial de destruição travestido de princípios civilizatórios mata mais que todas as doenças do planeta, um aproveitamento macabro.



QUANDO A ALMA AVISA

Quando a alma se refere às suas percepções e respostas, avisa o sentido de viver existindo, filtrando, já que a alma é tão porosa que deixa a vida por ela passar. Exigente como só ela, não aceita cair em desuso e se quer conservada na memória durante várias gerações para perdurar viva no futuro levando a passear, abrindo livros, beijando na boca, cuidado aos pássaros, tendo orgasmos, podando árvores, plantando flores, inventando fantasias, espantando as feras e os maus pensamentos, dando notícias, omitindo danos, enamorada, erguendo o demolido e desenvolvendo direitos.

MIGUEL DE UNAMUNO – DO SENTIMENTO TRÁGICO DA VIDA – Cap. VII Amor, dor, comissão e personalidade, p,792

Em nós nascem e morrem a cada instante obscuras consciências, almas elementares, e este nascer e morrer delas constitui nossa vida.



SIGNIFICADOS SATISFATÓRIOS

Os atos humanos carregados de significados satisfatórios proporcionam vínculos, apegos. Os desejos demandam permanentemente satisfação, perceber e buscar objetos de construir relações exige muito mais habilidade social que consumir objetos o frequentar comércios. Todo supérfluo não se confirma, por sua característica de fugaz é insustentável sua manutenção, desta forma, qualquer objeto transformado em coisa não poderá alcançar a categoria de objeto de satisfação, a ilusão abriga a reiteração compulsiva na tentativa de diminuir a tensão natural provocada pelo desejo insatisfeito.

AMPUTADA A ALMA

Amputada a alma, limitadas as satisfações, simplificadas e reduzidas em sua importância fica disponível à espera de uma oferta de ocasião. Esta é a base de tão frequente vivência dos adolescentes e jovens ao se referirem decepcionados com a incerteza vincular que descolore seus sonhos pessoais, tanto amorosos como de trabalho. O descrédito com as instituições, a desconfiança com o próximo, o individualismo como fuga, as “telas” interpostas entre uma pessoa e a outra, induz à domesticação da depressão que acompanha a falta de esperança no futuro. A segregação, a compra-venda do corpo, a superficialização do uso do conceito de amizade, a depreciação do companheirismo, o vazio que habita a rotina consumindo criatividade compõe um complexo de relações, são modos de estar que constituem hábitos que se sequenciam em direção à desconstrução da alma. Uma série de atributos ficam guardados sem lugar para existir, negando-se simular, reproduzir ou recriar cenários falsos e pseudo satisfações.

ONDE SE DESCONSTROI A ALMA

Os lugares onde se produz a desconstrução da alma são aqueles que pelo elevado nível de desumanização convidam a deixar a alma em casa cada vez que lhes frequentemos. Lugares em que não vale a pena ir-se por inteiro sem correr o risco de ali deixar-se pedaços importantes de si mesmo, onde se produzem ações que são o começo de uma ruína anunciada. Sempre será melhor ter-se um ativo controle sobre os próprios atos e uma apurada percepção dos riscos, sempre calculados, fica mantida a integridade necessária à vida futura. Quanto mais inteiro se avance no tempo melhor para as respostas que o corpo e a alma terão que dar em cada etapa da vida.

PARA SER PROTAGONISTA

O ser humano para ser protagonista, ainda que lhe seja oferecido o lugar de figurante como lugar cultural relevante. Dado que o ser humano está vinculado à sua identidade e a seus valores, só será possível a desconstrução da alma se houver uma constante banalização e retificação de sua cultura, de suas convicções, de seu território e, ele aceite o risco da substituição. Esse conjunto que denomino Patrimônio Cultural, que por sua vez, adquire valores particulares com seus significados, o sentir cultural adquirido pelas relações familiares, pela educação formal e informal, por mitos, por suas capacidades, pelo pensamento, pela consciência crítica, pelas referências antropológicas, por sua resistência moral e física, pelo seu vínculo com a vida, com a beleza, com a natureza, e principalmente com todos aqueles, vivos ou mortos, que lhe habitam. Um ser humano com uma história a preservar, como resultado de um processo formador de sua capacidade de outorgar sentido cultural à sua existência com domínio próprio, condição de ter a vida como fonte de prazer e de construção de saberes.

VIDAS FUNDADAS

Tendo suas vidas fundadas na cooperação, multidões de afetos familiares abandonados esperam por alimentos que lhes mitigue uma intensa fome de humanidade. Não há regulamento que preveja as injustiças, intermináveis em seu propósito de promover a dor. Na medida do possível, elas são alimentadas para que não deixem de existir, pois dela muitos vivem, muitos se alimentam. Reinventam leituras, supondo novas. Constroem enredos, alinhavos e ordenam as palavras com a paixão de protagonista, definem os sentires ali postos como seus, não há disfarce, entram na pele, vestem suas dores, seus impossíveis, seus sonhos amorosos, seu passado e futuro. Carregam e cuidam dos seus exílios, das migrações, dos acasos e das repetições, dos fardos, das fomes, da vida e da morte.

HÁ EXCESSO DE HUMANOS

Há excesso de humanos chegando à vida com os sentires cansados, desabitados, com os apegos gastados, com as mãos vazias, com os olhos sem luz, com anjos-da-guarda distraídos, com a boca calada, com a fé desconfiada. Há multidões caminhando sem rumo, com o futuro estancado na próxima comida, com o desabrigo encravado na pele e a habituação da solidão desacompanhada. Sentam na calçada, testemunham a rua, a lua, as estrelas. Há humanos demitidos da vida, doentes, demenciados, demolidos, por um fio, atropelados pela miséria, torpes, desestimados, desalojados, descosturados, sem protagonismo, sem provisões, desapropriados, utopias partidas, repetentes, aprovados em ser não-gente, desapoderados da própria história. Há tantos desatinados, desaparecidos, desautorizados, sem passe, passagem, bônus para chegar a algum dia mais. Há humanos chorando, injustiçados, dissuadidos, ex indignados, expostos ao risco, deslocados da celebração, (des)irmanados pela omissão coletiva, com fomes descomedidas, com prantos crônicos, esquecidos, descuidados. Há humanos com tanta desgraça, quietude, subordinação, desengano, disfarçados de humanos, que a esperança

envergonhada se negou a despertar, sair de casa, comer. Por falta de braços e abraços, de munição, resolveu em protesto desocupar os corações.

Convalescendo dos sonhos perdidos, pedem comparecimento de algum consolo que lhes torne mais efetivo o existir. O exílio causa dano à perseverança.



DANEM-SE OS AMANTES DO VIRUS

Digerir depois do dano, iluminar as trevas, sufocar o vírus, romper os fios tênues da sua respiração, fraturar suas células, resistir a fogo lento, fazê-lo saber o desfecho. Desconcertar os vírus e seus apoiadores, devorar suas políticas e ciências mancomunadas. Operar em bloco como uma espuma que se levanta pelos aires difundindo rechaço e repulsa.

Estamos sendo enfrentados por narcocapitalistas donos de instituições dominantes a serviço de impor uma política intervencionista que apoia o extermínio da espécie.

ENTUSIASMO

O entusiasmo incendeia as ideias como um meio instantâneo de alterar a maioria das suas acomodadas resignações. Uma das regras do bom viver é indultar-se de culpas, renunciar à ignorância e a submissão. Criar, unifica liberdade de pensar amplo, de desafiar a repetição, destituir a cópia. É dar-se à mão a missão da escrita.



O DIA QUE A MENTIRA SE VESTIU DE VERDADE

Sou um intermediário entre o antes e o depois.
Menos mal que não tive medo de confessar-me. Decidi usa a borracha e apagar a palavra verdade. Ontem assistindo os discursos na Câmara de Deputados do Brasil, assisti os que invertem o dano, os ladrões populistas falando mal dos que não roubam, os indecentes amorais falando de moralidade, os viciados falando mal dos virtuosos. Quadrilheiros se auto

denominando sensibilizados com causas do povo havendo roubado bilhões de dinheiros deste mesmo povo. Declarando guerra ao país e aos dirigentes que fazem o que eles usam como argumento para enganar os inocentes que trocam um voto por um tijolo. Os populistas se vestem de puros para impunemente roubar, matar e prosseguir sua organização de quadrilhas, são como baratas, criam resistência à decência. Ontem vi mais um dia em que a mentira se vestiu de verdade.



NA DOR

Na dor que estava dormida no peito dos vencidos, ressoa um medo involuntário. A humanidade mendicante se ressentida da injúria, da dignidade sequestrada, sofrendo as consequências, sem saber como existir depois de tanta destruição.

O ACASO

Tinha o acaso feito chegar antes do tempo, o desafio de enfrentar a hora da demência, quando a razão deixa de ser uma competência para se apresentar como um estorvo, algo destoa entre o pensamento e a palavra. Esse desencontro denuncia precipitadamente presságios de um corpo que se apagará lentamente desvanecendo memórias.



PODER TOTALITÁRIO – DONATELLA DI CESARO

O medo percorre toda a modernidade, até o século XX, o século do terror total, geralmente confundido com a tirania, que ainda diferencia amigos de inimigos. O poder totalitário por outro lado, é o vínculo férreo que funde todos em um; não é um instrumento de governos, mas o próprio terror que passa a governar enquanto devora o povo, isso é, seu corpo, e já traz os germes da autodestruição.

A MEDIOCRIDADE AGRESSIVA

A mediocridade agressiva toma conta dos inúteis, dos repetidores de invencionices, dos tolos raivosos. Eles imaginam uma realidade e teimam em impor suas versões infantilizadas de uma realidade que tudo pode desde que seja a seu favor, na oposição aos outros, que eles tratam como coisas e que nada podem com o risco de revelar-lhes o vazio que eles carregam na mediocridade e na agressividade.



A POLÍTICA E A ACADEMIA

A política e a academia sofrem a tentação da cumplicidade. Uns se apoiam nos outros para instalar a ditadura do medo. Argumentos econômicos são deslocados pelos usos exagerados de um contágio que não é maior que todas as gripes, as pneumonias, os cânceres, os abortamentos, os acidentes, os enlouquecimentos e os suicídios anuais da população

mundial. Nenhuma dessas causas teve a cobertura que o Corona teve. Uma centenária luta indigna tenta criar medidas de proteção, prevenção e cuidados com a Saúde Mental da população sem nenhum alcance significativo. Proliferam remédios sem a contribuição de ações protetoras dos humanos considerando sua vulnerabilidade. Loucura e vírus enriquecem a indústria farmacêutica, saúde só beneficia uma população que cada vez mais está condenada à submissão ao Estado.



MEUS MEDOS

Meus medos, minhas precauções se revelaram ineficazes devido ao poder de um coletivo que dirige o mundo dos mortais comprando e vendendo consciências, juízes, médicos, advogados, jornalistas, empresas, governos. Os senhores da guerra negociam a vida e a morte, teimosamente insisto que esse é o pior vírus que acompanha a humanidade desde o início da sua evolução. Um conjunto sempre atual que se regenera

cooptando pessoas fracas, com um caráter dúbio, uma espécie de humano arrependido de haver nascido que odeia os semelhantes e a si mesmos. Vivem de macabras profecias que alcançam ressonância com extrema facilidade, ofertada como um bilhete premiado que os inocentes compram e sustentam, sem resgate e sem premiação. Planejam, executam e legislam construir um mundo pior.



TECER OS DIAS ALEGRES

Tecer os dias alegres, fazer o algodão entrelaçado a uma larga esperança bordada em amarguras adoçadas, untar resistências no enredo da fábula principal que distrai e ocupa as aflições íntimas quando a tristeza tenta entrosar-se nos louvores, nos pequenos favores, enxergar no sorriso do passante um aceno que saúda confirmando-nos o singelo reconhecimento. Escalar o viço que nos é enviado para enxotar o risco do cotidiano esvaziado.

SER O RESTO

Amor sem impulso, sem convicção não alcança o destino do prosseguimento, logo cansa e se afasta dos seus portadores. Uma pessoa sem classe, é um naufrago, uma canoa furada, uma flor murcha, uma expressão do sem-sentido. Ao alinhavar emergências, chegam e partem rapidamente, desaparece. Acelera e abandonam, exilam os inocentes que passivamente doam sua intenção aos maus intencionados. Conhecem o desprezo e calam por vergonha de haver dado ao delinquente algum bem precioso em confiança. Provam o desdém do outro, a desumanização da intimidade invadida. Todo vínculo sem compromisso prejudica. Resta a memória bastarda de haver sido tratado como vazio; o resto que sobrou do uso.

QUANDO

Quando a justiça só vale para alguns acaba o entusiasmo e a confiança, quando a saúde só se mantém para alguns, acabam a crença e os cuidados, quando os valores são despedaçados acaba a humanidade.



MÃO BRANCA

Nigeria recebe ajuda do ocidente, um acidente de trabalho deixou um homem sem a sua mão direita, diante do seu sofrimento recebeu a doação de uma instituição identificada com sua perda. Agora, o homem busca algum artista, um pintor, encontrou a empresa Immortal, que lhe ajudou a modificar a cor da mão para adequá-la à cor da sua pele, evitando assim o absurdo, a mão enviada era uma prótese para homens brancos.

ESPERANÇA E ESPERA

Uma esperança vaga se confunde com uma espera. Enquanto uma, a esperança experimenta o sentimento universal com a expectativa de mudanças que alimentariam de dentro para fora, cultivando assim os sonhos. Na outra, a espera, é o pilar da passividade inativa, vaga ao extremo, consolo de esperar de fora para dentro uma solução aos anseios e às necessidades. Cultivando desta forma seus abismos. Cada um leva consigo o sentido do mundo.



FOSSA COMUM

Uma fossa comum acolherá os bons e os maus, o depósito de ossos e planos recebendo todos os mortais silêncios, a pedra e o pão, o tiro e a vacina, o talento e a tolice, o tempo a perder o temor a ganhar, a culpa e o castigo, a praia e a duna, o eufemismo e a utopia, o mar e o deserto. Simplesmente, de ali não sai ninguém.



Roberto Curi Hallal

